

OCORRÊNCIA, FATORES DE RISCO E POSSÍVEIS IMPACTOS DO ISOLAMENTO SOCIAL NA SÍNDROME DA ANSIEDADE POR SEPARAÇÃO EM CÃES (APOIO UNIP)

Alunas: Bianca Anholon da Silveira e Isabela Leite Santos

Orientador: Prof. Dr. Ronaldo Gomes Gargano

Curso: Medicina Veterinária

Campus: Campinas Swift

A Síndrome da Ansiedade por Separação (SAS) é descrita como um conjunto de respostas desagradáveis manifestadas pelos animais, em decorrência do afastamento da figura de apego, e que promove inúmeros impactos na qualidade de vida. Essa alteração ocasiona impactos negativos tanto fisiológicos quanto comportamentais nos cães. Os sinais clássicos da SAS são vocalização excessiva, comportamento destrutivo e micção ou defecação em locais impróprios. Durante a pandemia da COVID-19, o isolamento social foi implementado para desacelerar o contágio com o vírus, algo que gerou uma alteração da rotina das pessoas. Essa alteração fez com que os tutores passassem mais tempo em suas casas e isso pode ter resultado em maior vinculação dos cães aos seus tutores, acarretando esse distúrbio comportamental. Isso posto, este estudo tem o objetivo de determinar a ocorrência da SAS, possíveis fatores de risco e se seria possível associar a enfermidade com os comportamentos indesejáveis dos cães após o isolamento social. Para isso, foi elaborado um questionário a fim de caracterizar o grau de conhecimento dos tutores em relação aos distúrbios comportamentais e à SAS, os fatores de risco ligados à enfermidade, as características clínicas, as quais foram utilizadas para diagnosticar as respostas dos tutores, e as alterações da rotina dos tutores e do comportamento dos cães durante e após o isolamento imposto pela pandemia. O questionário contou com 24 perguntas que foram lidas e respondidas individualmente por cada tutor, selecionados por amostragem multinível, todos residentes da região metropolitana de Campinas. A SAS foi considerada presente no cão quando o tutor respondeu presença de um dos

sinais clássicos desse distúrbio associados à hipervinculação com o tutor. Dessa forma, essas informações foram utilizadas para classificar a presença ou ausência e a prevalência da enfermidade comportamental. A análise estatística usou o teste de qui-quadrado para fazer associações entre as variáveis nominais e um modelo de regressão logística para determinar a razão de chance em relação aos fatores de risco para a SAS. A amostra foi composta por 93 tutores de cães que responderam todas as perguntas do questionário. Em relação ao conhecimento dos tutores, 71 (76,4%) entrevistados revelaram ter conhecimento superficial sobre os distúrbios comportamentais dos cães. O medo, a agressividade e a ansiedade da separação foram os mais citados. A prevalência calculada da SAS foi de 48,4% (45/93) e, dentre os animais positivos, 15 (33,33%) manifestaram piora dos sinais após o isolamento social, 27 (60%) não apresentaram piora e 3 (6,7%) tutores não souberam responder. Houve associação significativa entre o diagnóstico da SAS e a piora dos sinais clássicos da enfermidade após a pandemia (Qui-quadrado = 8,930; $p = 0,003$). A idade atual dos cães foi o único fator de risco significativo para o diagnóstico da SAS (Wald = 4,907; $p = 0,027$) e o modelo estatístico revelou que cães acima de sete anos tem 2,8 mais chances de serem diagnosticados com SAS quando comparados com animais mais jovens. Portanto, a SAS é um distúrbio comportamental prevalente nos cães que residem na região metropolitana de Campinas e cães mais velhos apresentaram maior probabilidade de serem diagnosticados com esse distúrbio comportamental.